ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA: IMPORTÂNCIA E PARTICULARIDADES

César Barros Leal

Salta aos olhos a importância do estudo do espanhol, quarta língua mais falada no mundo, língua que não é apenas da Espanha (peninsular e insular), mas também de dezenas de países da América do Sul e América Central, de inúmeros estados norte-americanos (como Novo México, Texas, Califórnia e Arizona), das Filipinas (onde é língua oficial ao lado do inglês e do tagalo) e de algumas partes do Oriente Médio e do Norte da África, sem esquecer as comunidades hebréias na zona do Mediterrâneo, ou seja, os sefardíes, descendentes dos judeus que no século XV foram expulsos da Espanha (sefardíes em hebreu significa espanhóis). Bem o disse José Vasconcelos: "não se põe o sol nos domínios da língua castelhana."

Uma das línguas oficiais da ONU, oferece o espanhol largas perspectivas de comunicação, sendo de grande utilidade para os turistas que, viajando por todo o mundo, têm a oportunidade de usá-lo com freqüência. Causa espécie, inclusive, a difusão desta língua na América do Norte, onde a sua penetração já alcança níveis inquietantes, como fez ver, no ano passado, uma notícia veiculada pelo jornal *O Estado de São Paulo* e reproduzida na imprensa local.

Toda uma literatura espanhola e hispano-americana se torna acessível a aqueles que dominam o espanhol e a quem caberá o privilégio de ler no original obras de autores como Miguel de Cervantes, Rubén Darío, Lope de Vega, Gustavo Adolfo Bécquer, Calderón de la Barca, Pedro Antonio de Alarcón, Benito Pérez Galdós, Miguel de Unamuno, Antonio Machado, Azorín, Valle-Inclán, Pío Baroja, Juan Ramón Jiménez, José Ingenieros, José Hernández, Jorge Luis Borges, Manuel

Puig, José Martí, Emilio Castelar, Gabriela Mistral, Gabriel Miró, Pablo Neruda, Gabriel García Márquez, Emilia Pardo Bazán, Francisco de Riojas, Rafael Obligado, Juana de Ibarborou, Mario Vargas Llosa, Luis Goytisolo, Miguel Angel Asturias e tantos outros cuja omissão seria imperdoável não fora a impossibilidade de nominá-los a todos.

Obras de inexcedível valor como *Dom Quijote de la Mancha* (de Cervantes), *El Burlador de Sevilla* (de Tirso de Molina), *Rimas* (de Bécquer), *El Sombrero de Tres Picos* (de Pedro Antonio de Alarcón), *Platero y Yo* (de Juan Ramón Jiménez), *Cantos de Vida y Esperanza* (de Rubén Darío), *Bodas de Sangre ou Yerma* (de Federico García Lorca), *Cien Años de Soledad* (de Gabriel García Márquez), *El Martín Fierro* (de José Hernández), *Historia Universal de la Infamia* (de Jorge Luis Borges) e *Canto General* (de Pablo Neruda) estão ao alcance de quantos têm o domínio do espanhol e desejam lê-las no original, sem receio de enfrentar traduções apressadas que confirmam o aforismo italiano "traduttore, traditore", aforismo esse que encontra ressonância no espanhol mais do que em muitas outras línguas.

Por outra parte, há as obras técnicas, científicas, cuja leitura é indispensável para profissionais das mais diferentes áreas, em algumas das quais existe predominância das obras em espanhol.

Relativamente ao nosso país, cresce a sua importância na medida em que estamos situados num continente onde a quase totalidade dos países falam esta língua, sete deles fronteiriços ao Brasil e irmanados todos não apenas pelo fato de que o português e o espanhol possuem um tronco comum, mas também porque a colonização se realizou por povos bastante identificados em sua cultura e sua história.

Sabe-se, igualmente, que o estudo comparado das duas línguas é relevante para o conhecimento mais profundo da morfologia, da semântica, da sintaxe e da estilística do português.

A importância do espanhol, no contexto universal, aliás, não se mede somente pelo número de países que o falam. O seu conhecimento atende a imperativos de toda ordem: cultural, política e econômica. A integração do continente americano, p. ex., está a exigir da nossa parte o estudo desta língua também designada pelo nome de castelhano por ser originária do antigo reino de Castilha e ter sido a língua deste reino antes que existisse a Espanha.

O ensino do espanhol — acrescente-se, por outro lado — não é, como pode parecer à primeira vista, tarefa das mais fáceis, tendo em vista sobretudo a sua semelhança com o por-

tuguês, a qual, se por um lado facilita a sua compreensão, por outro lado dificulta o seu pleno domínio, seja escrito, seja oral.

Enganam-se os que negam a necessidade do estudo do espanhol com o argumento de que qualquer pessoa é capaz de entendê-lo sem dificuldades, mesmo sem tê-lo estudado antes. Na verdade, este raciocínio, de todo equivocado, tem sido repetido com insistência por quantos buscam obstaculizar o seu ensino, máxime nas universidades, a nível de graduação e pós-graduação.

A semelhança do espanhol com o português se faz desvantajosa, p. ex., pelo grande número de palavras que, embora se assemelhem ou se identifiquem com o português na grafia, dele se diferenciam seja no gênero, na sílaba tônica ou mesmo no significado.

No último caso, inclusive, ou seja, na área das palavras-armadilha, das semelhanças enganadoras ou, melhor dizendo, dos falsos amigos, a dificuldade é bastante acentuada. Diz Paulo Rónai: "Particularmente perigosos são os falsos amigos do tradutor do espanhol. A interlegibilidade do castelhano para lusófonos, isto é, a excessiva proximidade das duas línguas não raro ilude o tradutor a respeito da possível facilidade da sua tarefa; daí encontrarmos indevidamente traduzidos *cola* por 'cola' em vez de 'cauda'; *crianza* por 'criança' em vez de 'educação', *dirección* por 'direção' em vez de 'endereço'; *nudo* por 'nu' em vez de 'nó'; *oso* por 'osso' em vez de 'urso'; *polvo* por 'pouvo' em vez de 'pó'; *rato* pelo homônimo 'rato' em vez de 'momento'; *zurdo* por 'surdo' em vez de 'canhoto'.(1)

Em pesquisa que iniciamos há mais de três anos e que pretendemos publicar em breve, relacionamos, até agora, mais de 500 palavras desta espécie, que enganam amiúde até mesmo dicionaristas e gramáticos de renome, que se deixam levar pela sua semelhança ou identidade ortográfica, explicadas essas pela sua origem comum (com ulterior distanciamento semântico) ou por simples coincidência (resultante da "evolução convergente" de duas palavras que se diferenciam inteiramente em sua origem).

A esse propósito, vejamos também o que nos dizem Mário Mascherpe e Laura Zamarin: "Um dos assuntos mais fascinantes para os estudantes e profesores de uma língua estrangeira, assim como para os tradutores, é o estudo dos falsos cognatos... Nada mais traiçoeiro que a enganosa semelhança desse tipo de cognatos. O primeiro impulso do estudante é usar o

(1) RÓNAI, Paulo. *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro, Educom, 1976, p. 20.

princípio de analogia, o qual pode ser de grande valia em alguns casos mas levar a conclusões errôneas em outros. Se o estudante recorrer a um dicionário, este também pode falhar, de vez que registra, muitas vezes em primeiro lugar, os significados originais das palavras, significados esses que as palavras não mais possuem em seu uso moderno."(2)

O estudo do espanhol deve dar ênfase, também, aos verbos irregulares, aos pronomes pessoais em suas formas combinadas (freqüentíssimas em castelhano), ao emprego das preposições (nomeadamente da preposição *A* nos casos de objeto direto preposicionado), aos idiomatismos e aos solecismos. Enfim: a esses e outros aspectos que constituem, efetivamente, os obstáculos maiores para o conhecimento cabal da língua.

É imperioso ter em conta, outrossim, as divergências existentes entre o espanhol falado na Espanha e o que se emprega nos países hispano-americanos. Não se esqueça que um mexicano, um argentino e um espanhol, conquanto falem a mesma língua, não a falam exatamente da mesma forma. Na própria Espanha, um madrileno e um andaluz apresentam diferenças em sua fala. Há que observar ainda que, em certos países da América, houve um contacto estreito com línguas indígenas — é o caso do Paraguai, onde se fala o guarani — que deixou marcas sensíveis no idioma espanhol. Sobre isso aduz Charles E. Kany: "El contacto con las lenguas indígenas tuvo una influencia vital en el desarrollo del habla hispanoamericana."(3) E mais: em muitos países as migrações procedentes da Europa ou da África exerceram influências ponderáveis sobre o espanhol ali falado; é o caso da Argentina, mais especificamente de Buenos Aires, cuja colônia de italianos fez nascer o lunfardo.

Tais dificuldades se associam à escassez no Brasil de dicionários de espanhol, sejam os comuns, sejam os especializados, como os etimológicos, os de sinônimos etc. Poucos são, aliás, os que merecem absoluto crédito, o que converte a tradução, muitas vezes, numa tarefa verdadeiramente incerta e penosa. Alguns, feitos aos atropelos, são refertos de erros e de lacunas imperdoáveis.

O mesmo se pode dizer com relação a gramáticas e a manuais de conversação, demasiadamente escassos em nosso país e de sofrível qualidade, inexistindo, inclusive, qualquer

(2) MASCHERPE, Mário e ZAMARIN, Laura. *Os Falsos Cognatos na tradução do Inglês para o Português*. São Paulo, Difel, 1976, p. 7-8.

(3) KENI, Charles E. *Semántica Hispanoamericana*. Madrid, Aguilar, 1969. p. 3.

coleção seriada de espanhol elaborada por brasileiros e que possa ser adotada em cursos regulares.

A grande maioria dos alunos — diga-se em conclusão — não tem consciência da necessidade de adquirir bons dicionários e de manuseá-los permanentemente, evitando, assim, o mau hábito das análogas que conduzem com freqüência a erros lamentáveis. Por outra, o conhecimento do espanhol demanda o domínio do português, em sua morfologia, em sua sintaxe, o que falta geralmente aos que se dispõem a estudar o espanhol e que, dessa forma, transferem para esta língua todas as dificuldades que possuem no uso do vernáculo.